

O Livro e a Leitura no Cotidiano dos #JovensLeitores Cariocas – Primeiras Observações¹

Thayz Guimarães²

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ

Resumo

Todo objeto tem duas funções básicas, ser utilizado e ser possuído. Ao considerarmos o livro como um objeto qualquer – e do qual podemos depreender que a leitura é senão apenas uma de suas utilidades –, passamos a uma discussão social do livro, visto como investimento, questão de aparência e mesmo de exibicionismo. Segundo a lógica de Bourdieu (2007), adquirir um livro depende apenas de fatores econômicos, mas a posse não implica sua leitura, muito menos a apreensão de seu conteúdo. O artigo busca então entender de que forma se dá a construção da imagem social dos sujeitos através das apropriações que eles fazem de suportes impressos. Metodologicamente, vale-se de entrevistas e observações etnográficas acerca do clube de leitura infanto-juvenil #JovensLoucosPorLivrosPraCaramba, que se reúne mensalmente na livraria Travessa de Botafogo, no Rio de Janeiro.

Palavras-chave: livros; jovens; leitores; capital cultural

Introdução

O artigo discute a construção e autoafirmação da imagem social dos sujeitos através das apropriações feitas de suportes impressos e das representações que estes contêm para um determinado grupo sociocultural. Metodologicamente, vale-se de observações etnográficas do clube de leitura infanto-juvenil #JovensLoucosPorLivrosPraCaramba, que se reúne mensalmente na livraria Travessa de Botafogo, no Rio de Janeiro. Também serão apresentados trechos de uma primeira entrevista com a mediadora do grupo, Franciane Farias.

Partimos da ideia de que todo objeto tem duas funções básicas: ser utilizado e ser possuído (BAUDRILLARD, 1997). Desta forma, ao considerarmos o livro como um objeto qualquer – e do qual podemos depreender que a leitura é senão apenas uma de suas utilidades, ainda que seja a primordial (PRICE, 2012) –, passamos à discussão contemporânea que enxerga o

¹ Trabalho apresentado no GP Produção Editorial, XVI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Estudante de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da UERJ; Bolsista CAPES; Membro do Grupo Livros e Cultura Letrada (UERJ/CNPq); e-mail: guimaraes.thayz@gmail.com

livro impresso também como investimento social, questão de aparência (MELOT, 2012) e mesmo de exibicionismos intelectual (MINDLIN, 2005).

Segundo Bourdieu (2007), os bens culturais podem ser objeto de apropriação material (que pressupõe o capital econômico) e de apropriação simbólica (que pressupõe o capital cultural). Em outras palavras, adquirir um livro depende apenas de fatores econômicos, mas a posse deste livro não implica sua leitura, muito menos a apreensão de seu conteúdo.

Perguntamos então: o que representa ter um livro impresso hoje? Qual o seu lugar de fala, sua importância sociocultural em um determinado contexto? No sentido expresso por Bruno Latour (2012) e sua Teoria do Ator-Rede, que tipo de agência o livro impresso possui? Quais são as redes de relações que eles constroem e como elas são construídas?

A seguir, o que apresentaremos é apenas um esboço do que deverá ser uma pesquisa maior e que há pouco se iniciou. O trabalho, mais do que uma investigação completa e dotada de conclusões, trata-se de um ensaio norteado pelos primeiros questionamentos que têm rondado a mente de seus autores sobre o tema do livro e sua relação com os agentes humanos.

Afeto e materialidade

O sentido de um livro não é fruto apenas do objeto em si (McKENZIE, 2002), o livro não é algo abstrato e seus sentidos são produzidos a partir de uma série enorme de marcas (sociológicas, estéticas, sociais, econômicas, culturais, bibliográficas etc.) que agem sobre o próprio impresso ou texto. Da mesma forma, a produção de sentido de um livro não depende única e exclusivamente da intenção do autor, mas sim das expectativas e intervenções de todos os agentes envolvidos nos processos de produção e recepção da obra (McKENZIE, 2002).

A história do livro também não deve ser confundida com a história de seu conteúdo nem com a de seu autor (MELOT, 2012), pois cada exemplar de uma obra é único e constitui (ou constituirá) sua própria história, de acordo com os usos e apropriações que dele forem feitos. Pearce (1993) reafirma este ponto de vista ao dar ênfase ao caráter individual de cada objeto, entre os quais podemos incluir o livro impresso, como se lê a seguir: “À medida que o objeto se desloca através do tempo, ele adquire (em maior ou menor escala) uma história

própria, passando de um possuidor a outro, talvez de um tipo de uso para outro, e de um lugar para outro” (PEARCE, 1993, p. 16) (Tradução nossa).

Assim, de acordo com Price (2012) e Melot (2012), o livro não se encerra na leitura como único fim. Em *How to do things with books*, Leah Price lista uma série de usos pouco ortodoxos deste objeto – como se esconder atrás de um livro ou jornal para evitar uma conversa indesejável; encher uma estante com livros ociosos; decorar a mesa de centro com obras que você considera esteticamente atrativas, mas nunca teve a intenção de abrir etc. –, de forma a justificar sua teoria de que, entre a natureza de todas as ações possíveis de serem realizadas com um livro, a leitura é senão apenas uma delas, ainda que seja a primordial.

Price (2012) entende que junto à leitura (“fazer algo com as palavras”) caminham o manuseio (“fazer algo com o objeto”) e a socialização (“fazer algo para ou com outras pessoas por meio do livro”), funções complementares e não concorrentes. Segundo a autora, é impossível ler um livro sem manuseá-lo, tampouco manusear um livro que nunca tenha sido lido, mesmo que este leitor esteja envolvido apenas na cadeia de produção do livro ou que seja o vendedor daquele exemplar.

O amor aos livros tampouco está submetido à leitura:

O amor pelo livro pode ter várias motivações e aquela da leitura não é senão a mais frágil e pode ser a mais recente. Bem diferente é a abordagem do bibliófilo ligado a preciosismos, para não dizer simplesmente ao preço do livro que não deve ler, mas possuir (MELOT, 2012, p. 158).

Ou ainda: “Poder descartar ou conservar significa que o livro é também um objeto, que pode ser amado não só por aquilo que diz, mas também pela forma sob a qual se apresenta” (ECO, 2014).

A posse e o capital cultural

É Mindlin (2005) que nos alerta para o fato de a aquisição de livros impressos ser intimamente ligada ao seu aspecto de posse e exibicionismo intelectual, mais do que simplesmente à necessidade e à apropriação de conteúdo:

O livro exerce uma atração multiforme, que vai muito mais além da leitura, embora esta seja um ponto de partida fundamental. [...] Sua relação com o livro passa a ter uma dimensão quase patológica, pois a compulsão de

possuí-lo é mais ou menos irresistível (mais do que menos) (Mindlin, 2005, p. 15).

Também Melot (2012) acredita que “livro tem um valor de investimento avaliado pela sua estabilidade e solidez [...]. É, sobretudo, um “investimento social”, uma questão de aparência” (2012, p. 158). Sobre o assunto, Debray (1998) diz: “Este bem manufaturado começou sua vida como objeto de culto, ele continuou como utilitário e a terminou como decoração” (apud MELOT, 2012, p. 125).

Para Baudrillard (1997), a posse sempre está relacionada à paixão pela propriedade privada, uma vez que só possível possuir objeto abstraído de sua função e relacionado ao indivíduo. O autor afirma:

Todo objeto tem desta forma suas funções: uma que é a de ser utilizada, a outra a de ser possuído. A primeira depende do campo da totalização prática do mundo pelo indivíduo, a outra um empreendimento de totalização abstrata realizada pelo indivíduo sem a participação do mundo. Estas duas funções acham-se na razão inversa uma da outra. Em última instância o objeto estritamente prático toma um estatuto social: é uma máquina. Ao contrário, o objeto puro, privado de função ou abstraído de seu uso, toma um estatuto estritamente subjetivo: torna-se objeto de coleção (1997, p. 94)³.

Isto posto, não é difícil relacionar a colocação de Mindlin (2005) acerca do exibicionismo intelectual de um bem cultural como o livro impresso à de que empenhar-se em possuir uma biblioteca pessoal é, muitas vezes, vangloriar-se de seu (possível ou pretenso) conhecimento, ou mesmo vangloriar-se do livro enquanto objeto de decoração. Eco (2014), no entanto, discorda de tal ideia ao afirmar que “a biblioteca não é uma soma de livros, é um organismo vivo, com vida autônoma” (p. 46-47), mas se contradiz ao escrever “Esta espécie de confiança num repositório universal do saber, que fica à sua disposição, explica por que o bibliófilo não se empenha tanto em ler quanto em acumular” (p. 50).

A ideia de livro tomado por objeto que foge à função primordial da leitura para ocupar o status de posse e coleção também se conecta diretamente ao conceito desenvolvido na obra de Pierre Bourdieu para investigar as diferenças de classe social: o capital cultural. De acordo com o sociólogo francês, o capital cultural pode existir sob três formas: no estado incorporado (dá-se mediante trabalho individual de assimilação e inculcação; depende em

³ Aqui é importante destacar que não se pretende em nenhum momento, e em nenhum sentido, lançar mão de uma análise semiológica do objeto livro (ou do livro-objeto), ainda que as reflexões e conceituações de Baudrillard (1997) nos sirvam como inspiração para compreendermos a condição do livro enquanto objeto e sua relação com o leitor a partir do consumo.

grande parte do *background* familiar); no estado objetivado (referente aos bens culturais, tais como os livros, por exemplo); e no estado institucionalizado (garantido por meio de diplomas escolares) (BOURDIEU, 2007).

Na lógica de Bourdieu (2007), basta que se tenha capital econômico para que se possuam os bens culturais na sua materialidade, a exemplo da aquisição de livros impressos. Porém, caso a apropriação simbólica destes bens também esteja em pauta, o capital econômico já não basta, já que será preciso dominar os códigos necessários para decifrá-lo. Logo, poder-se-ia inferir que a posse de uma coletânea de livros impressos, por exemplo, pressupõe que o indivíduo também é detentor do capital cultural não apenas em estado objetivado, como também em estado incorporado, necessário para compreender os livros que possui. “Assim, os bens culturais podem ser objeto de apropriação material, que pressupõe o capital econômico, e de uma apropriação simbólica, que pressupõe o capital cultural” (BOURDIEU, 2007, p. 77).

O livro e a ostentação

O consumo não está ligado à satisfação das necessidades, ele é antes “uma atividade de manipulação sistemática de signos” (BAUDRILLARD, 1997, p. 206), isto é, um objeto só se torna objeto de consumo quando transformado em signo, representação resultante dos agenciamentos pré-existentes entre um sujeito e o objeto – que sentidos este objeto produz para seu possuidor e para o mundo no qual ele está inserido? Desta forma, ao tentar colocar-se em face de outro homem, de modo a emitir uma mensagem através de sua coleção, de suas posses, o homem, pelo contrário, emite um discurso a si mesmo (BAUDRILLARD, 1997). Logo, um objeto diz mais para seu próprio possuidor do que para outrem.

Assim, o tema proposto no título deste trabalho (a construção e a autoafirmação da imagem social dos sujeitos através das apropriações de suportes de leitura e as representações criadas em torno destes) está ligado diretamente às afirmativas de Bourdieu (2011), quando o autor fala de um tipo de reação social por ele denominada efeito de legitimidade:

(...) a mais elementar interrogação da interrogação sociológica ensina que as declarações concernentes do que as pessoas dizem ler são muito pouco seguras em razão daquilo que chamo de efeito de legitimidade: desde que se pergunta a alguém o que ele lê, ele entende ‘o que é que eu leio que mereça ser declarado?’ [...] E o que ele responde não é o que (...) lê verdadeiramente,

mas o que lhe parece legítimo naquilo que lhe aconteceu de ter lido (...) (p.236).

Apesar de fixa-se sobre a leitura ao abordar o tema, excluindo assim as demais ações passíveis de serem efetuadas através do livro (PRICE, 2012), a lógica da resposta induzida pela legitimidade (BOURDIEU, 2011) também pode ser aplicada ao contexto de acumulação de livros impressos visando à formação de uma biblioteca pessoal, como visto em Mindlin (2005), já que implica o que trataremos aqui de ostentação: ostentação material de uma coleção de livros impressos (sua posse) relacionada à ostentação intelectual (capital cultural em estado objetificado) de seu possuidor.

Tal exibicionismo, porém, só surtirá efeito se ocorrido em um dado contexto sociocultural no qual os livros são vistos como símbolo de conhecimento e riqueza intelectual, o que não descarta este imaginário coletivo, visto quase como senso-comum, do livro tido como sinônimo de diferenciação educacional, ainda que tal diferenciação seja encarada de forma negativa por seus pares.

Sobre este assunto, Bourdieu (2011) explica que “o que caracteriza o bem cultural é que ele é um produto como os outros, mas com uma crença, que ela própria deve ser produzida” (p. 240). Dito de outra forma, o produto intelectual (ou bem cultural) trata-se de um produto como outro qualquer, mas que depende da produção da crença de seu valor para que ele seja reconhecido como tal. Se produzo um quadro de natureza morta sem gerar a crença sobre seu valor cultural, por exemplo, então “não produzi nada, apenas mais uma coisa” (BOURDIEU, 2011).

Assim, consideramos que o livro, entendido pelo senso-comum como leitura e/ou apreensão de seu conteúdo (capital cultural objetificado confundido com capital cultural incorporado), é dotado de um poder simbólico. E se o livro é um poder, “o poder sobre o livro é evidentemente um poder. [...] O poder sobre o livro é o poder sobre o poder que exerce o livro” (BOURDIEU, 2011, p. 243).

O escritor francês Gustave Flaubert, ao narrar a história do livreiro Giácomo – “um desses homens de semblante pálido, de olhar cavo e embaciado”, “trinta anos e já passava por velho e acabado” –, descreve sua grande e única obsessão da seguinte maneira:

Não! Não era de modo algum a ciência o que ele amava, mas sua forma e expressão; amava um livro porque era um livro; amava seu cheiro, sua forma, seu título. [...] Essa paixão absorveu-o completamente, mal comia, não dormia mais, sonhava, porém, noites e dias inteiros com sua ideia fixa: os livros (FLAUBERT, In: A paixão pelos livros, 2004, p.27).

Em outro trecho, ao pôr à mostra os sentimentos de Giácomo, Flaubert deixa claro ao leitor que toda esta fixação que ele possuía pelos livros – e não por seus conteúdos – estava relacionada ao valor simbólico do livro, tido pelo livreiro, da mesma forma que afirma Bourdieu (2011), como um objeto dotado de poder e por isto mesmo *a priori* capaz de transmitir tal status para seu possuidor.

Sonhava com tudo o que devia conter de divino, de sublime e de belo uma biblioteca real, e sonhava construir para si uma tão grande quanto a de um rei. Quão livremente respirava, quão ativo e poderoso se punha quando mergulhava a vista nas imensas estantes onde seus olhos se perdiam em livros! Erguia a cabeça? Livros! Inclina-a? Livros! À direita, à esquerda, sempre (FLAUBERT, In: A paixão pelos livros, 2004, p.27).

O poder simbólico dos livros também reflete nas hierarquias sociais. Ao investigar o perfil multifacetado do leitor vitoriano, Leah Price atesta que o livro enquanto leitura de seu conteúdo pode funcionar como mecanismo de ascensão e reconhecimento social, e o livro enquanto objeto material é capaz de unir ou segregar pessoas em diferentes grupos (PRICE, 2012).

Se o texto garantia mobilidade social; o livro fazia com que seus usuários fossem reconhecidos. O texto significa liberdade individual, o livro, determinismo social; o texto gera empatia entre diferentes classes e gêneros, enquanto o livro marca diferenças entre classe e idade (p. 17).

A partir deste panorama teórico é que podemos situar o caso do grupo #JovensLeitores LoucosPorLivrosPraCaramba.

#JovensLeitoresLoucosPorLivrosPraCaramba

Fundada em 1987 no Rio de Janeiro, a rede de livrarias Travessa possui seis lojas na capital – nos bairros da Barra da Tijuca, Leblon, Ipanema, Botafogo e Centro –, além de uma filial em Ribeirão Preto, no estado de São Paulo. Em cada uma de suas livrarias acontecem reuniões mensais de diversos clubes de leitura, comandados por livreiros da casa e associados, quase sempre, à uma editora específica. Todos estes grupos são dedicados à

leitura de títulos adultos, com exceção de um, o #JovensLeitoresLoucosPorLivrosPraCaramba, que aqui chamaremos de #JovensLeitores.

O clube de leitura *teen* existe há cerca de um ano e meio, com sede na Travessa de Botafogo e sob a mediação de Franciane Farias. A jovem de 21 anos, natural de Angra dos Reis, além desta função, também coordena os demais clubes de leitura da rede.

As reuniões do #JovensLeitores acontecem sempre na última quarta-feira de cada mês, das 19h às 21h – o padrão da Travessa são reuniões de uma hora apenas, mas, devido à empolgação de seus frequentadores, o #JovensLeitores acaba sempre extrapolando esta duração. Os encontros são norteados pelas últimas leituras de seus participantes e um debate sobre o tema previamente escolhido pelo grupo ou pela mediadora, que pode incluir desde clássicos da literatura até livros esquecidos na estante, passando pela obra de autores específicos e a presença de personagens femininas fortes nas narrativas.

De acordo com Franciane Farias, o número de frequentadores do grupo varia entre doze e dezessete pessoas por encontro, sendo majoritária a presença feminina. “Difícilmente aparecem meninos. Eles até se inscrevem por e-mail, mas depois não aparecem”, comenta. “Mas isso não é uma característica do grupo juvenil, é uma característica de todos os grupos de leitura da Travessa”. Ainda segundo a mediadora, a idade dos participantes costuma ser bastante flexível, de 11 anos a 40 anos, embora a maior parte dos frequentadores assíduos seja de pré-adolescentes.

O grupo é formado basicamente por moradores da Zona Sul, região nobre da cidade do Rio de Janeiro e onde está localizada a Travessa de Botafogo. “Se não me engano, três ou quatro meninas se conheceram no Colégio QI, duas são da mesma turma, inclusive; outra é vizinha da loja, estava ali aleatoriamente, perguntei se ela queria participar e ela está conosco até hoje. Ela sempre vai às reuniões quando está no Brasil, mas, no momento, o colégio dela está em greve, então ela viajou para Londres. Tem outra que é do Flamengo e conheceu o grupo através da nossa *newsletter*”, explica a mediadora. Outras regiões participam em menor quantidade: “Também tem duas meninas de Campo Grande [*Zona Oeste*], uma menina da Penha [*Zona Norte*] e duas de Niterói [*Região Metropolitana*]”.

Na quarta-feira em que visitamos o #JovensLeitores, no dia 6 de julho de 2016⁴, estavam presentes apenas cinco garotas, todas com idade entre 11 e 14 anos. Duas foram levadas por suas mães, que ao final da reunião retornaram para buscar suas filhas.

Durante a reunião, sentadas em volta de uma mesa improvisada no pátio externo da livraria, as meninas beliscavam compulsivamente quatro caixas de chocolate Bis e uma garrafa de Coca-Cola levadas por Franciane, enquanto sobrepunham-se às falas uma das outras na tentativa de se fazerem ouvir sobre determinado livro ou autor.

O barulho e a agitação das frequentadoras, de fato, eram intensos, como já havia nos alertado a mediadora em entrevista no dia anterior. Todavia, o caos gerado não tinha como origem o desinteresse pela discussão, mas sim o excesso de informações que todas gostariam de apresentar e debater. Naquela noite, mais do que a minha presença muda e observadora no entorno da roda, o que chamou a atenção das garotas foi a ausência do bastão da fala⁵, utilizado justamente para organizar a confusão.

Quem deu início às apresentações foi uma garota que atendia pelo nome de Sarah⁶, aluna do renomado Colégio Santo Inácio e que disse ter 14 anos. Com movimentos largos e apostando em gesticulações e imitações frequentes, Sarah trouxe para a roda o livro *O teorema de Katherine*, de John Green. Entre suas leituras do mês também estavam diversas *fanfictions*⁷, com destaque para *Solangelo*, história derivada da série literária *Os heróis do Olimpo*. No original, aventuras e fantasias se misturam à mitologia greco-romana. Já na *fanfiction* lida por Sarah, o foco é o romance entre dois garotos, Nico e Will. Todas as meninas presentes conheciam e eram apaixonadas por esta história, que no site oficial consta com um aviso de “Proibido para menores de 18 anos”.

Sofia, 13, foi a segunda a falar. Novata no grupo, ela estava ali a convite de Sarah, uma de suas melhores amigas e colega de escola. Logo de cara, Sofia disse não ter lido John Green, para espanto das demais participantes. “Não gosto muito de John Green, porque virou

⁴ Excepcionalmente, a reunião do clube aconteceu na primeira quarta-feira do mês, devido ao calendário da Flip (Festa Literária Internacional de Paraty), da qual a Travessa é a livraria oficial.

⁵ Não se sabe ao certo a origem do bastão da fala, mas este é um objeto típico de tribos indígenas, que o utilizam como um objeto de garantia de fala e escuta justa e imparcial. Pela simbologia, em uma reunião, apenas quem está segurando o bastão tem direito à fala naquele momento. Ao terminar sua explanação, o orador deve passar o bastão para o próximo indivíduo que deseja se pronunciar.

⁶ De forma a proteger a identidade dos integrantes do grupo, os nomes reais, com exceção da mediadora, foram trocados por nomes fictícios.

⁷ Muito popular na internet, *fanfictions* são histórias criadas por fãs com base em personagens ou contextos originais, geralmente derivados de algum livro, série televisiva ou filme.

modinha e eu não gosto de modinha”, ela se defendeu. “Também não sou muito brasileira, literariamente falando, não gosto da Thalita Rebouças, por exemplo”. As meninas assentiram com a cabeça.

O primeiro momento de descontrole total do grupo começou quando Sofia mencionou o livro *A marca de uma lágrima*, de Pedro Bandeira, que ela e Sarah tiveram que ler quando estavam no 6º ano do Ensino Fundamental. Segundo as meninas, o livro é repleto de passagens eróticas, que elas mesmas classificaram como inapropriadas para a idade. “A menina do livro tem 15 anos e pede para o cara fazer dela mulher. Ela diz: ‘Me faz mulher, Juliano, ‘Você quer tirar minha calcinha agora?’”. Gente, eu fiz 14 anos ontem! Essa é história é bizarra! Não!!!!”, sobressaltou-se Sarah.

Predileções e revoltas à parte, a leitura literária parece ser de fato algo muito importante na rotina destas meninas. “Eu li *A coroa* [da escritora Kiera Cass] em uma tarde e eu tinha prova no dia seguinte. Não estudei nada e cheguei com os olhos e o nariz inchados na aula”, contou Sofia. Bruna, outra amiga de Sarah, disse que sua mãe comprou os livros da Kiera Cass pela internet, mas ao ver que a filha havia lido todos eles em três dias, disse que não iria comprar mais nenhum, já que, neste ritmo, a despesa extra se tornaria muito grande. “Mas ela vai comprar sim, porque senão eu vou ler na internet e ela fica irritada se eu fico no celular”, comentou em meio a risadas.

Estudante do CEAT (Centro Educacional Anísio Teixeira)^{8 9}, Laura apresentou o livro *Carol*, de Patricia Highsmith, para suas colegas. Laura começou dizendo: “Demorei um pouco para ler este livro [ela leu as 312 páginas de Carol em uma tarde], porque tem umas partes que te deixam meio coisada (*sic*), aí você tem que fechar o livro e respirar...”. Antes que pudesse completar sua fala, ela foi interrompida por Bruna, a amiga de Sarah: “Espera! Esse é aquele livro do filme? Eu queria muito ter lido o livro e visto o filme, mas meus pais, depois que foram ao cinema, não deixaram”. Originalmente intitulado *The price of salt*, o livro traz a história de amor entre duas mulheres nos Estados Unidos dos anos 1950, quando a homossexualidade era tratada como desvio de conduta pela psiquiatria e como crime pela justiça.

⁸ Instituição de ensino particular localizada em um castelo de estilo florentino no bairro de Santa Teresa, em meio à Floresta da Tijuca, no Centro do Rio.

⁹ No ranking das melhores escolas do Rio de Janeiro, segundo dados do Enem 2010, o CEAT encontra-se na 61ª posição, e o Santo Inácio, em 10ª.

Vanessa, colega de Laura no CEAT, foi a que menos falou. Em sua primeira reunião no #JovensLeitores, ela se limitou a comentar o livro *Carol* (“Quando eu estava lendo e chegava nas partes mais tensas, eu precisava sair e dar uma volta, às vezes em volta da minha casa mesmo, só para me acalmar”) e apresentou *Extraordinário*, de R.J. Palacio, como sua leitura do mês.

Neste momento, quando Vanessa passava a palavra para Bruna, a reunião foi interrompida com o retorno de Franciane, que havia saído para procurar alguns livros no interior da livraria. Ao verem os exemplares de Kiera Cass em capa dura, as meninas se encheram de olhares cobiçosos e se precipitaram sobre a mediadora.

Foi *A escolha* que circulou entre o grupo, que ia passando o livro de mão em mão, para que todas pudessem folheá-lo e cheirá-lo intensamente, sempre com muita empolgação. “É muito bom cheirar livros, mas eu sou asmática, então fico assim, puxando o cheiro aos poucos. O problema é que desse jeito não consigo absorver totalmente o cheiro dos livros”, exclamou Sarah. Bruna respondeu: “Quando inventarem uma droga de livro, eu vou comprar para você, Sarah”. As meninas se abraçaram.

Livro, um subterfúgio social?

Apesar da intimidade e facilidade com que conversam sobre os mais diversos assuntos, Franciane garante que fora do grupo, aquelas meninas se comportam de forma bastante tímida, principalmente no colégio. Para ela, o clube, além de incentivar a leitura, também funciona muito bem como um ponto de encontro e descontração para esses adolescentes mais acanhados e que sentem dificuldade de se enturmar.

A mediadora conta que desde a primeira reunião do grupo, todas as meninas se mostraram muito falantes, mas que isto é curioso, porque ela sabe que são pessoas “muito quietinhas na vida real”. “No grupo elas se soltam, todo mundo conversa, tem uma ou outra que é diferente. Teve uma menina que chegou muito tímida, ficou toda quietinha no primeiro e no segundo encontro, mas no terceiro, já era amiga de todo mundo”.

Franciane acredita que a timidez, apesar de ser vista de forma negativa pela maioria das pessoas, pode contribuir para o desenvolvimento intelectual de uma pessoa. “Eu era assim também na época da escola, muito tímida, quase não tinha amigos. Então eu lia para não ficar sozinha, mas isso até que foi bom, porque depois, todo o meu grupo de amigos, eu fiz

por conta da leitura. Aqui no grupo [#JovensLeitores], eu vou te dar um exemplo, tem uma garota, que é a mais descolada na escola e tem vários amigos. Ela participa do nosso grupo e tal, mas é a que menos lê”.

Além das reuniões mensais do #LoucosPorLivros, as meninas possuem um grupo no WhatsApp, onde falam livremente sobre vários assuntos. “Acaba criando uma relação de amizade. Nem todo mundo se conhecia antes, mas todo mundo já se ama”, conta Franciane, que participa do grupo no WhatsApp, mas prefere não se envolver nas atividades que acontecem fora da livraria. “Como eu faço a mediação e trabalho para a Travessa, entende-se que quando estou presente, eu sou a responsável, e muitas das meninas são menores de idade, então não acho muito bacana eu participar desses eventos fora da Travessa, porque eles acabam trazendo uma responsabilidade que eu não quero assumir”.

Para Sarah, a leitura também é uma forma de se relacionar com outras pessoas. “No final de semana, eu encontro meus amigos para assistir séries, ver *Harry Potter*, ler *fanfictions* e conversar sobre elas. Com o livro, você consegue não ser antissocial mesmo sendo antissocial. É maravilhoso”, ironiza.

Considerações finais

No final dos anos 1970, uma série de pesquisadores importantes, entre eles Pierre Bourdieu, mostrou que o mundo social poderia ser entendido como construído, principalmente, por materialidades. Tempos depois, um dos expoentes da segunda geração desta escola, Daniel Miller, passou a considerar em seus estudos a importância de se olhar para a cultura material em contextos contemporâneos (VIANA & RIBEIRO, 2009). “Assim, a cultura material se apresenta como um campo de investigação que contribui para a compreensão dos aspectos fundantes do capitalismo na prática cotidiana das pessoas, e de forma mais ampla, dos processos sociais do mundo em que vivemos hoje” (VIANA; RIBEIRO, 2009, p. 416).

Ao chegou ao cabo deste artigo, pode restar a impressão de que aqui se apresentou (por descuido ou picardia) dois trabalhos completamente diferentes. O primeiro, um levantamento extenso, porém quase superficial, acerca das teorias que regem e auxiliam a compreensão do objeto de análise proposto. O segundo, um pequeno relatório de campo aparentemente desconectado do foco central da pesquisa: as relações sociais agenciadas

entre sujeito e objeto, em específico o livro, e como a simples posse deste objeto material é capaz de gerar representações culturais que, na prática, dependem do domínio de outra esfera simbólica (leitura e interpretação do conteúdo, por exemplo). Em termos bourdieuzianos, seria a mesma coisa que dizer que o capital cultural objetivado (referente aos bens culturais) pressupõe o capital cultural incorporado (assimilação e inculcação).

Todavia, na Introdução deste trabalho, alertamos para o fato de se tratar não de uma pesquisa com início, meio e fim, mas, sobretudo uma tentativa de ensaio com vistas a compartilhar nossos primeiros questionamentos e observações acerca de uma nova pesquisa que se inicia dentro do tema que tem sido nosso norteador já há alguns anos: o livro e sua relação com os agentes humanos.

Este, portanto, é apenas o começo de uma empreitada etnográfica que adiante se pretende extensa e minuciosa, buscando, assim como Miller (2002), apresentar “aspectos surpreendentes de um mundo muito próximo sobre o qual preferimos não refletir, ao menos não com nossas ferramentas de trabalho” (VIANA; RIBEIRO, 2009, p. 417), e também fugir de uma tradição antropológica sustentada em incursões filosóficas de requinte e que toma para si temas mais experimentais como algo menor e indigno de atenção.

Por ser um bem de consumo, o livro-objeto, é dotado de significações sociais e culturais capazes de estabelecer, como disse Price (2012), diferenças e similaridades entre grupos. Não à toa, o #JovensLeitoresLoucosPorLivrosPraCaramba é capaz de congrega, mensalmente, jovens e adultos de origens sócio-econômico-culturais muito diferentes, graças a um objetivo comum: sua louca paixão por livros (infanto-juvenis) para caramba.

Os próximos passos desta pesquisa tendem a flertar com a Teoria Ator-Rede de Latour (2004), que para o próprio autor consiste em “seguir as coisas através das redes em que elas se transportam, descrevê-las em seus enredos”, tendo em mente que “os atores sabem o que fazem e nós temos que aprender com eles não apenas o que eles fazem, mas também, como e por que fazem determinadas coisas” (LATOURE, 2004).

Se, como foi dito, o livro é dotado de um poder simbólico (BOURDIEU, 2011), e um acervo pessoal “evidencia um acúmulo de tempo, de energia, de dinheiro e de conhecimento intelectual, que assume as suas características e reforça a sua identidade social” (VASCONCELOS; CAVALCANTE; DANTAS, 2013), nosso objetivo é olhar para a experiência concreta do grupo #JovensLeitores com o livro, de modo a entender os

diferentes agenciamentos entre eles e os livros mas sem o intuito de com isso produzir enquadramentos e constatações generalizantes –Law (1997) lembra que não devemos acreditar na produção de uma única narrativa, já que é impossível capturar todos os aspectos da realidade, e que a realidade não é algo que está posto e acabado.

O que os integrantes do #JovensLeitores fazem com o livro? O que o livro faz com eles? O que eles fazem o livro fazer? O que eles dizem? Como isto se conecta com o mundo? Como eles encaram as funções sociais que foram construídas para eles e para os livros? Há reproduções de padrões em que certas funções estão sendo operacionalizadas, ou não, estão sendo reinventadas? Estas e outras questões permanecem em aberto para um próximo artigo.

Referências bibliográficas

BAUDRILLARD, Jean. **O sistema dos objetos**. São Paulo: Perspectiva, 1997.

BOURDIEU, Pierre. **Os três estados do capital cultural**. In: NOGUEIRA, M. A.; CATANI, A. (orgs.). *Escritos de Educação*, 9ª ed., Petrópolis: Vozes, 2007, p.71-79.

BOURDIEU, Pierre. **A leitura: Uma prática cultural**. In: CHARTIER, Roger. **Práticas da leitura**. São Paulo: Estação Liberdade, 2011.

ECO, Umberto. **A memória vegetal**. Rio de Janeiro: Record, 2014.

DEBRAY, Régis. **Par Amour de l'Art**. In: MELOT, Michel. *Livro*, São Paulo: Ateliê Editorial, 2012.

FLAUBERT, Gustave. In: SILVEIRA, Julio; RIBAS, Martha (orgs.). **A paixão pelos livros**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2004, p. 25-43.

LATOUR, Bruno. **Onrecalling ANT**. In: LAW, J.; HASSARD, J. **Actor-network theory and after**. Oxford: Blackwell Publishers, 1999, p.15-25.

LATOUR, Bruno. **Reagregando o social: Uma introdução à teoria do Ator-Rede**. Salvador/Bauru: EDUFBA/EDUSC, 2012.

LAW, John Law. **Notes on the Theory of the Actor-Network: Ordering, Strategy and Heterogeneity**. *Systems Practice*, 5ª ed., Lancaster: Center For Science Studies, Lancaster

University, 1992, p. 379-93. Disponível em:
<http://www.heterogeneities.net/publications/Law1992NotesOnTheTheoryOfTheActorNetwork.pdf>. Acesso em 11.Jul.2016.

McKENZIE, D. F. **Making Meaning: “Printers of the mind” and other essays.** Massachusetts: University of Massachusetts Press, 2002.

MELOT, Michel. *Livro*,.São Paulo: Ateliê Editorial, 2012.

MINDLIN, José. **Memórias esparsas de uma biblioteca.** São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo; Florianópolis, SC: Escritório do Livro, 2005.

PEARCE, Susan M. **Museums, objets and collections.** Washington, D.C.: Smithsonian Institution Press, 1993.

PRICE, Leah. **How to do things with books in Victorian Britain.** New Jersey: Princeton University Press, 2012.

VASCONCELOS, Sara; CAVALCANTE, Andrea; DANTAS, José. **Desenvolvimento do comportamento colecionista como argumento de marketing em Redes Sociais: o caso Skoob.** In: XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2013, Manaus-AM.